

Bolsa família e auxílio Brasil, usos do dinheiro no contexto da casa, expectativas e incertezas¹

Introdução

O Bolsa Família por 18 anos foi o principal projeto de redistribuição de renda do país, com seu último pagamento realizado no dia 29 de outubro de 2021, o programa contemplou cerca de 14,6 milhões de famílias ao longo do tempo. O Bolsa Família, através da medida provisória (MPV 1061/2021) que tinha como objetivo ampliar o valor pago, foi então substituído pelo programa Auxílio Brasil, que segundo a definição encontrada na página oficial do Ministério da Cidadania é como um braço social do Governo Federal, programa de transferência direta e indireta de renda destinado a famílias em situação de pobreza e extrema pobreza (Ministério da Cidadania, 2021), a medida provisória garante aos beneficiários o recebimento mensal de um valor mínimo de 400 reais até dezembro de 2022. Por se tratar de um projeto que possui um prazo de validade muitas questões foram levantadas pelos beneficiários, como vai ficar em 2023, porque encerraram o Bolsa Família, o que fazer depois. A partir dessas questões pretendo nesse trabalho apresentar e discutir os usos do dinheiro na casa de duas famílias beneficiárias acerca dos usos do dinheiro do dinheiro, seus sentimentos de expectativa e incerteza sobre o ano de 2023.

Categorias

Iniciei o trabalho de campo com a consideração de que não é possível abranger a complexidade dos usos do dinheiro em uma casa apenas através de termos econômicos ou “economia moral” como De l’Estoile (2021) apresenta, porque a situação está pra além, é envolta de incertezas em relação ao futuro, o autor ainda aponta a etnografia como uma ferramenta necessária para questionar a validade que “economia” teria para os estudos, como uma espécie de lente para ver e entender o mundo e como os indivíduos atuam nele. A antropologia a muito tempo trabalha as noções de economia para diferentes sociedades e aplicações, desde os clássicos como Malinowski (1922), como Mauss (1925) e até Bourdieu em A Economia das trocas linguísticas (2008), dessa forma pretendo caminhar

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Thais Lopes Silva, Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Palavras-chave: Dinheiros, incertezas e expectativas

com a ideia de economia baseada no trabalho de De l'estoile (2021), de que "economia" está para além das definições matemáticas e entender o que é economia dentro do contexto atual onde estão recebendo o auxílio brasil, que em outro momento já foi bolsa família e como esse aspecto financeiro é percebido pelas famílias com famílias com quem trabalhei.

Tendo como base as ideias de Koselleck (2006) de Espaço de experiência, a combinação de um determinado campo de oportunidades e um quadro específico que se enquadra como um Horizonte de expectativas, pretendo expressar que é nítido que a vida humana não acontece deslocada do contexto em que está inserida, ela também se encontra dentro de um tempo e uma localidade, e assim, por estar dentro de um quadro histórico e social possui um campo de oportunidades, possibilidades e limites, tudo isso é importante para poder apreender da melhor forma possível o modo como as pessoas atribuem significados as suas vidas e cotidianos. Segundo Koselleck (2006) experiência e expectativa "são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro" e podem contribuir para o enriquecimento do conteúdo, pois ambas dirigem as ações de forma concreta para o meio social e político. O futuro é sempre definido a partir das expectativas cultivadas, então, no contexto da vida das duas famílias, ainda que inseridas em realidades sociais e culturais distintas será interessante observar qual o horizonte de expectativas que ambas têm, tanto em relação ao uso do dinheiro no passado e no agora quanto ao ano de 2023 e a incerteza que permeia um auxílio que até o momento possui prazo de duração até dezembro de 2022.

Bolsa família

Após a constituição de 1988 diversos programas sociais foram criados, como bolsa escola e vale gás, mas foi em 2003 que um dos principais e mais longínquo foi implementado, o bolsa família que tinha como objetivo unificar os programas de combate a pobreza nos âmbitos municipais estaduais e federais. Em 2001 foi desenvolvido o Cadastro Único, que tinha como objetivo agrupar informações sobre famílias beneficiárias de algum programa do governo federal e o programa bolsa família utilizou sua base de dados e a aplicação de questionário no para selecionar e organizar as pessoas que receberiam o benefício, o órgão responsável pelo pagamento é a caixa econômica federal. No ano de 2006 o programa já beneficiava cerca de 11 milhões de famílias,

superado apenas pelo Sistema Único de Saúde, a educação pública e a previdência social, o bolsa família foi um dos maiores instrumentos de política social do governo federal (Soares, Sergei; Sátryo, Natália, 2019). Além de atender os critérios mínimos da renda per capita igual ou superior à linha da extrema pobreza que é até 100 reais e pobreza que pode variar entre 100 e 200 reais até 2021, outros critérios eram levados em conta na hora da concessão do benefício, como todas as crianças em idade escolar da família deviriam estar regularmente matriculadas na escola e com a carteira de vacina em dia, esses aspectos contribuíram para o aumento do número de crianças na escola subiu significativamente, segundo Soares, Sergei, Sátryo e Natália (2019) de acordo com o MEC o número de crianças matriculadas entre 2006 e o segundo semestre de 2008 subiu de 62% para 85%. Dessa forma, ao longo dos 18 anos de bolsa família muitas mudanças sociais aconteceram, segundo uma pesquisa realizada pelo IPEA em 2019 70% dos recursos do bolsa família alcançou 20% dos mais pobres cadastrados no programa, ainda de acordo com a pesquisa o impacto do programa na redução da pobreza foi de 15% e da extrema pobreza 25% e que ainda foi responsável pela redução da desigualdade em 10% entre 2001 e 2015 (Pedro, Rafael, Henrique, Serguei, 2019), o número de famílias beneficiadas chegou a um total de 14,7 milhões ao longo dos 18 anos de funcionamento.

Auxílio Brasil

As discussões acerca da implementação do auxílio Brasil iniciaram ainda quando o governo federal passou a pagar o auxílio emergencial no ano de 2020, durante a pandemia, para famílias que eram inscritas no Cadastro Único, onde até dois membros da família poderiam receber um valor de 600 reais durante cinco meses e em seguida pago em até quatro meses com parcelas de 300 ou 600 reais, depois foi estendido até outubro de 2021 com pagamentos que poderiam variar entre 150 e 300 reais. A partir da medida provisória (MPV 1061/2021) o bolsa família foi revogado e foi implementado o auxílio Brasil, programa que tem como objetivo o pagamento de doze parcelas de um valor mínimo de 400 reais para as famílias que já eram beneficiárias do bolsa família, além da inclusão de mais ou menos 2,3 milhões de beneficiários, contemplando assim, em média 17 milhões de famílias no total, ainda segundo o governo o objetivo do programa é zerar a fila de espera de quem pode receber.

O auxílio, segundo o que consta na página oficial do ministério da cidadania pretende englobar outros programas, como o benefício primeira infância, benefício de composição familiar e o benefício de superação da extrema pobreza, auxílio esporte escolar, auxílio criança cidadã, bolsa de iniciação científica júnior, auxílio inclusão produtiva urbana, benefício compensatório de transição e o auxílio de inclusão produtiva rural, acrescentando os valores referente a cada benefício ao valor mínimo já pago. Uma das principais questões que permeia o auxílio brasil é seu período de duração, por se tratar de uma medida provisória ele possui validade até dezembro de 2022, diferente do bolsa família, que independente do governante ou do ano, era percebido pela população como uma constante, algo concreto e de longo prazo.

O auxílio Brasil é um tema que semanalmente vai ganhando mais camadas, e durante a escrita desse texto não seria diferente, no dia 13 de julho foi aprovada pelo congresso nacional a conhecida Pec Kamikaze (PEC 1/22) e publicada no diário oficial da união no dia 25 de julho, também houve a antecipação do calendário de pagamento do mês de agosto com o mesmo sistema que leva em conta o número final do NIS. Com essa PEC o auxílio brasil passa de 400 para 600 reais com última parcela prevista para dezembro de 2022. No mês de julho iniciou também a distribuição em massa dos cartões do auxílio para famílias que ainda não possuíam, as características do cartão fazem alusão a símbolos da campanha do presidente Bolsonaro de forma explicita, quase como uma propaganda fora de época e indevida, assim como tudo que está por trás do auxílio, uma espécie de estelionato eleitoral com prazo de validade que deixará muitos danos para a economia dificilmente reparáveis. Assim, o auxílio brasil deixa de ter apenas a função de redirecionamento de renda como o bolsa família e passa a servir de instrumento para reeleição do atual presidente.

Famílias e percursos de pesquisa

A escolha das famílias se deu partir de alguns critérios que considerei relevantes para esse trabalho, que são eles: realidades sociais distintas (uma família é da zona rural de um interior, enquanto a outra reside na capital), rendas mensais similares, relação com o bolsa família diferentes. Acredito que trabalhar dessa forma foi interessante pois proporcionou a possibilidade de conhecer e entender que mesmo em realidades distintas, a relação com o dinheiro pode ser similar em vários aspectos, além de possibilitar o

entendimento sobre os usos do dinheiro em casas com aspectos sociais diferentes. Enquanto uma espera economizar alguma quantia ao longo do ano pensando em 2023 levando em consideração a possibilidade de não haver auxílio Brasil, nem bolsa família porque foi revogado, a outra tem como prioridade a reforma da casa, e contar com a entrada de 400 reais mensais durante 12 meses foi o que eles precisavam para realizar a reforma.

Durante um período de três semanas entre os dias 28 de fevereiro e 21 de março de 2022, me comuniquei com duas famílias, uma residente no município de Maranguape, interior do Ceará, ela é composta por cinco pessoas, dois adultos, dois jovens adultos e uma criança (família 1), e outra família mora atualmente em Fortaleza, capital do estado e é composta por dois adultos, três jovens adultos e duas crianças (família 2). Ao longo do texto irei me referir a elas assim pois ambas preferiram que eu não usasse os nomes. A família 1 já era beneficiária do bolsa família desde o seu ano de implementação porque anteriormente recebia auxílios como bolsa escola e o vale gás, enquanto a família 2 recebeu bolsa família por um período entre 2007 e 2009, mas depois deixou de receber e quando se direcionava ao CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) constava no sistema que o cadastro estava correto e o pagamento estava sendo efetivado, o que os fizeram considerar que poderia ter acontecido uma fraude e que outras pessoas estavam recebendo o pagamento destinado a eles, mas nunca procuraram recorrer para saber o que estava acontecendo. Ambas as famílias têm as finanças administradas pelas mães, característica comum nas casas brasileiras, até que durante o pagamento do auxílio emergencial entre os anos 2020 e 2021 duas pessoas das famílias passaram a receber as parcelas de 600 reais, no fim das cinco parcelas, apenas a responsável financeira da família continuou a receber as parcelas seguintes, de 300 e 150 reais. Já a família 2 por ser beneficiária do bolsa família desde 2003 e da quantidade de componentes familiar, durante o pagamento do auxílio emergencial passaram a receber 1200 reais durante cinco meses e posteriormente as parcelas de 300 reais.

Contexto econômico das casas

A família 1 tem a base da sua renda no trabalho do pai que é pedreiro, na venda de peças em crochê feitas pela mãe que entra apenas como uma renda extra quando surge demanda e encomendas, o bolsa família até 2021 e agora o auxílio Brasil e mais

recentemente a quantia que o filho mais velho que trabalha na construção civil em São Paulo manda mensalmente que gira e torno de 150 e 300 reais, o que deixa a renda da família girando em torno de 1400 reais mensais. Eles possuem casa própria, além da criação de alguns animais, como porcos, bodes e galinhas. Consideram que ter uma casa própria é a principal conquista deles, por ser uma preocupação a menos na hora das despesas, por morarem na zona rural, também possuem uma roça, onde cultivam feijão, milho e mandioca, o que permite que tenham alguns alimentos como farinha, goma e feijão estocados para consumo ao longo do ano, além do milho que serve de ração para os animais criados. Como o filho mais velho foi para São Paulo trabalhar na construção civil e a filha mais velha para Fortaleza cursar a graduação em ciências contábeis na Universidade Federal do Ceará, atualmente só moram na casa, a mãe, o pai e o filho mais novo de 6 anos, assim os planos eram de tentar juntar alguma quantia em uma poupança para o futuro, além de investir na melhoria da casa e do terreno onde ela se localiza, mas com o aumento da inflação e a alta no preço da gasolina até o momento não puderam colocar o plano em prática. Por morarem na zona rural ele possuem uma moto, que é essencial para locomoção, tanto para o trabalho quanto para o centro da cidade resolver questões, fazer compras e pagamentos, então uma reclamação constante foi sobre o aumento do preço da gasolina, porque não há alternativas para locomoção. Outro ponto crítico para eles é o preço do gás de cozinha, a mãe da família diz que não lembrava a última vez que utilizou o fogão a lenha para cozinhar com o objetivo de poupar gás, situação que vem se tornando constante novamente desde 2019.

A renda mensal da família 2 gira em torno de 1500 reais, que em parte vem do salário de vendedor (de carteira assinada) de uma grande fábrica de massas e biscoitos do pai, enquanto a mãe trabalha de diarista alguns dias na semana quando surge alguma oportunidade, o pagamento recebido gira em torno entre 90 e 110 reais, assim é uma renda intermitente que a família nem sempre pode contar e por isso consideram como um extra, a filha mais velha vende cosméticos e maquiagens de modo informal então consideram como uma renda extra e que nem sempre podem contar. Dessa forma passam o mês tentando controlar o consumo do gás de cozinha, dos alimentos e sobretudo da energia elétrica, para não ultrapassarem o orçamento fixo de 1500 reais. Assim como a família 1, possuem casa própria, e assim como a família 1, consideram esse aspecto essencial na vida de qualquer pessoa, para se locomoverem utilizam bicicleta e transporte público, uma das principais preocupações financeiras dessa família são as contas de água e luz,

além de poder proporcionar uma alimentação saldável para as crianças, nesse aspecto, os adultos apresentaram que a creche da prefeitura onde as crianças estudam em tempo integral é essencial, pois já voltam para casa bem alimentadas ao longo do dia, a mãe falou “é uma benção, porque a gente grande se vira, mas as crianças não, e como comem na escola, só precisamos nos preocupar mais com a janta e a alimentação do final de semana”. Assim é perceptível que o principal destino da renda da casa é para manutenção de um bem estar mínimo para todos da casa, sobretudo as crianças.

Usos do dinheiro

Ao longo dessas três semanas busquei entender como as famílias estão utilizando especificamente o dinheiro do auxílio brasil, para que ele está servindo inicialmente nesses três primeiros meses do ano e ao longo das conversas e entrevistas pude notar que a relação de ambas as famílias com a casa é intensa, seja por que moram nela a vida toda, ou por ser um dos principais bens que eles possuem, e no caso da família 2 eles apresentam a casa como o único bem que possuem e podem deixar para filhos e netos. Assim como Cavalcanti (2009) apresenta, a casa nesse cenário é um investimento a longo prazo, de características subjetivas, mas também econômicas que envolve o cotidiano das famílias e o auxílio com um valor de 400 reais proporcionaria a possibilidade da melhoria desse espaço e conseqüentemente de suas vidas como um todo, por estar intrinsecamente ligada a subjetividade de casa um dos moradores. Ainda que sejam famílias com realidades distintas, as suas relações com a casa foi um dos aspectos que mais chamou atenção, mais do que um teto para morar, é um espaço para convivência e trocas que só acontecem por causa da ligação que todos tem com esse lugar, assim é nítido como qualquer reforço financeiro que possa vir a entrar em seus orçamentos já é direcionado para a casa, seja para reparos, reformas, móveis ou eletrodomésticos. As duas famílias afirmaram que com o dinheiro do auxílio brasil pretendiam reformar suas casas e comprar móveis que estavam precisando, mas que com os preços que os alimentos e a energia estão, nesses primeiros meses seria inviável dar continuidade a esses planos, então atualmente estão direcionando o dinheiro do auxílio para a compra alimentação, compra de gás de cozinha, e pagamento de contas como água, luz e internet, e no caso da família 1 também para abastecimento semanal do tanque da moto.

A família 1 usou a primeira parcela do auxílio para comprar gás de cozinha, ferramentas novas para o trabalho na roça, matéria prima para a produção das peças em crochê da mãe, além de ajudar a filha que acabara de se mudar para Fortaleza para cursar a graduação, o pai afirmou que parece que o dinheiro voa, antes ele via o dinheiro recebido através do bolsa família, cerca de 150 reais, render muito mais que os 400 reais atual, e como era de se esperar não puderam guardar nada no mês de janeiro. Nos meses de fevereiro e março utilizaram o dinheiro para a compra de alimentos, como arroz, carne, verduras e leguminosas, um bolo de aniversário para o pai, além do gás de cozinha e o combustível para a moto. Para os próximos meses eles gostariam de utilizar o dinheiro para fazer reparos na casa, a construção de outro quarto e se possível economizar alguma quantia para 2023, pois acreditam não saber como a situação pode ficar, sobretudo em relação a incerteza da continuação do programa. Já a família 2 utilizou as três primeiras parcelas do auxílio para fins parecidos, o pagamento da conta de energia elétrica, compra de gás de cozinha, realizou a compra de alimentos não perecíveis o suficiente para um mês, além de carne vermelha, alimento que a mãe apresentou como um “privilégio”, afirmando que a meses não podiam “se dar ao luxo” de comprar.

Estão ainda todos muito contentes por estarem recebendo o auxílio, após anos sem receber o bolsa família, por causa de uma possível fraude, que nunca puderam recorrerem, porque como dito antes, ao procurar mais informações era dito que o dinheiro estava sendo repassado normalmente. Pretendem ainda utilizar as outras parcelas para a manutenção de uma boa alimentação além da realização de uma reforma para fazer um piso de cerâmica na casa e rebocar as paredes dos quartos, já que atualmente o piso é de cimento queimado e as paredes estão no tijolo, sem qualquer revestimento. Quando perguntados sobre a possibilidade de juntar parte desse dinheiro, afirmaram que essa não é uma prioridade no momento, que só pensariam nisso depois de fazerem as reformas que almejam, ainda afirmaram que precisam comer hoje, esse mês, esse ano, pensar em 2023 não é uma opção agora porque “o preço de tudo tá subindo, nem sempre aparece trabalho para mim, precisamos dar o que comer para as crianças agora e de uma casa melhor para elas agora, então é muito difícil pensar em juntar algum dinheiro quando precisamos pensar o que temos que comprar para comer.

Acho interessante pensar que a questão da alimentação é um aspecto latente em ambos os relatos, mas que se pode ver que a família 1, por possuir alguns animais de criação como a galinha e o porco, além de uma quantidade razoável de feijão guardado

para o decorrer do ano se sentem mais seguros para pensar em juntar uma quantia pensando em 2023. Nesse cenário pode-se perceber que para eles o sentimento de incerteza se dar principalmente a longo prazo, enquanto para a família 2 ele acontece quando se pensa no que terão para se alimentar no final de semana ou em como os espaço da casa não é considerado o ideal para o crescimento e desenvolvimento das crianças. Por se tratar de realidade distintas seus dilemas e incertezas são diferentes, mas todos tem em comum o objetivo, que é o bem estar da família.

Horizontes e expectativas

Quando se fala sobre o alcance das metas é comum encontrar diversos textos e reportagens jornalísticas sobre como iniciar no mercado financeiro investindo 100 reais, ou ainda mais comum entre 2020 e 2022, como investir o dinheiro do auxílio emergencial e ou auxílio brasil em um negócio, mas pode-se notar que matérias não englobam a realidade da maioria das famílias brasileiras, já que suas principais preocupações são sobre a manutenção da casa, alimentação e o pagamento das contas mensais. A situação se agrava ainda mais quando as famílias moram de aluguel, que não é a realidade de nenhuma das duas que apresento no texto. Sendo assim, o que elas esperam para daqui um mês? E para daqui um ano? Perguntadas no final de março sobre quais eram suas expectativas para o mês de abril a família 1 comentou que não espera muitas mudanças, seja em sua casa, seja no cenário econômico brasil, o pai afirmou que continuarão tendo que ajustar seus bolsos para conseguir sobreviver segundo os valores dos alimentos, gás e gasolina, o que muda para o mês de abril é que chega a época da colheita do milho e com isso terão matéria prima para a produção tanto de cuscuz, um alimento forte, quanto para a produção de ração para os animais. Para os meses seguintes espera-se a colheita e tratamento da mandioca, logo o estoque de farinha e goma será renovado, parte dele será vendido e a outra parte guardada para consumo próprio. A família acredita que em julho poderá realizar a construção do outro quarto da casa e em seguida 200, dos 400 reais do auxílio será guardado para o ano de 2023, pois não sabem como será o inverno, logo a fatura da colheita permanece uma incógnita.

Quando iniciei o contato com eles imaginei minha principal hipótese era de que o prazo de validade que o auxílio brasil possui seria um dos aspectos mais latentes em relação as expectativas para o futuro. Na verdade, essa questão não era a principal, mas o

fim de suas expectativas, primeiro estão pensando em como utilizar o dinheiro da melhor forma possível para aí começar a considerar como ficará o ano de 2023, e quando foi pensado sobre chegaram à conclusão de que o ideal seria juntar alguma quantia para ter uma garantia caso o auxílio não seja prorrogado. Quando perguntados sobre a relação com o bolsa família, a mãe apontou que em um primeiro momento não ficou preocupada porque o valor do auxílio Brasil é superior, mas que agora já tem uma série de dúvidas em relação a como ficará os anos seguintes afirmando que já recebe o bolsa família a quase 20 anos e em todo esse tempo ele fez uma grande diferença na qualidade de vida de todos da casa, então é preocupante pensar que pode acabar essa estabilidade, não sabe como ficaria as finanças sem ele na renda familiar e já começa considerar procurar algum emprego, ainda que seja complicado na zona rural em que moram, então o que ela vê como uma possibilidade seria apenas esperar sua aposentadoria como trabalhadora rural, que ainda está longe porque ela tem 45 anos e para conseguir o mínimo é 60 anos. Enquanto o pai acredita que a revogação do bolsa família foi estratégia política que durante as campanhas o atual presidente Jair Bolsonaro terá como principal pauta um auxílio permanente com formato semelhante ao bolsa família, mas com nome diferente como já é o auxílio Brasil. Dessa família se pode notar então uma tranquilidade a respeito do futuro a curto prazo, enquanto a longo prazo há várias questões em aberto que acreditam que ainda não precisam lidar.

A relação da família 2 com o futuro se dar de forma menos tranquila se comparada com a família 1, a relação deles é permeada diretamente por uma série de incertezas, a curto e longo prazo, seja se para mês que vem a mãe conseguir algum trabalho de diarista, ou se a filha mais velha passará para alguma vaga de emprego formal, ou ainda se a prefeitura de Fortaleza voltará a distribuir cestas básicas para a família dos alunos, mas sobretudo em relação ao fim do auxílio, os anos anteriores a 2020 foram muito complicados, principalmente em relação a alimentação e cuidados com a casa, com muito trabalho conseguiram rebocar sala, cozinha e banheiro, mas dificilmente podiam comprar alimentos sem preocupação. O principal sentimento em relação ao futuro de longo prazo que permeia a família é o medo, medo de não conseguir concluir a obra da casa, medo de ter que voltarem a racionar alimentos, medo de não saber se terá para jantar amanhã, a mãe não vê possibilidade de conseguir um emprego formal por não ter concluído o ensino médio, enquanto a filha saiu recentemente do ensino médio faz parte do índice de jovens desempregados, na segunda semana do mês de março foi convocada para uma

entrevista da qual ainda não obtive retorno. Assim, para essa família não precisei perguntar diretamente sobre o ano de 2023 ou o bolsa família, eles já falaram diretamente, que comem melhor que antes agora, mas já pensando que podem voltar ao que era antes no ano que vem, a mãe afirmou que não sabe por que não recebia o bolsa família, apesar de no sistema constar como pago, mas afirmou que espera que o ex presidente Lula possa ganhar as eleições para voltar com o bolsa família, semelhante a família 1, acreditam que o candidato possa implementar o programa novamente de forma integral e sem prazo de validade. Quando perguntei a eles se pensavam em juntar alguma quantia no decorrer do ano, afirmaram que não, que não sabem nem se o valor será o suficiente para as obras desejadas, logo não consideravam juntar, também não acreditam seriam capazes de juntar uma quantia razoável pois ao longo do cotidiano sempre aparece imprevistos e sempre acabam tendo que gastar o dinheiro, fazendo até com que falte no final do mês para pagar as contas, em situações como essas eles tem de contar com a sorte de surgir alguma faxina para a mãe fazer, ou com o lucro da venda de cosméticos da filha.

Conclusão

A experiência aparece então como “um passado atual” e a expectativa como um “futuro presente” Koselleck (2006), assim é interessante perceber como as famílias utilizam de aspectos passados para definir como utilizar o dinheiro no decorrer do ano e como se preparar (ou não) para a possibilidade da falta dele. A economia para essas famílias nesse cenário seria não apenas a forma como elas lidam com o dinheiro, mas o impacto que ele tem no cotidiano de cada um da casa, é como a experiência é o “passado atual” onde acontecimento é lembrado de forma consciente ou não e servem para a elaboração de planos para como lidar com determinadas situações baseado no conhecimento prévio adquirido anteriormente, dessa forma as experiências também possui um papel de fundamento e preparo para lidar com as expectativas. O tempo dos acontecimentos nesse cenário é essencial porque nos permite observar como o presente e o futuro estão diretamente ligados ao passado, ao mesmo passo que não se pode reduzir a expectativa a uma “experiência futura” que para a família 1 seria a tentativa de juntar alguma quantia do auxílio pensando na instabilidade do ano de 2023, enquanto a família 2 utiliza de experiências do passado para tentar melhor lidar com o que acontece no agora, sem muitas expectativas ou planos a longo prazo, já que “uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência

futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais” (Koselleck, 2006).

A incerteza não é uma categoria nova na vida de famílias que estão na pobreza e extrema pobreza e para percebê-la no contexto das famílias com quem trabalhei considero interessante utilizar as ideias de incerteza radical e incerteza relativa de De l’Estoile (2021), sendo a incerteza relativa que diz respeito ao âmbito pessoal dos agentes, onde eles podem ter algum controle, como a família 1 utilizando o dinheiro para garantir uma segurança mínima no futuro, passando a cozinhar mais frequentemente no fogão a lenha pensando que imprevistos financeiros podem acontecer e o gás de cozinha passa vir a faltar, enquanto a incerteza radical tem a ver com situações externas onde não há controle, como a imprevisibilidade que permeia o auxílio Brasil para 2023, ou como a mãe da família 2 fica na expectativa de alguém a chamar para um trabalho e dessa forma possa contribuir para as finanças mensal da casa. Essas incertezas por vezes são normalizadas, fazendo com que não sejam percebidas com uma situação de crise, onde as famílias tentam lidar e resolver de toda forma, muitas vezes sem um amparo de políticas públicas, por isso a importância da manutenção de programas de distribuição de renda, para que a pobreza e a extrema pobreza sejam percebidas como uma situação de precariedade e o Estado forneça os meios necessários para lidar com elas e quem sabe erradicá-las.

Assim, ainda que as expectativas em relação ao futuro tenham o papel de ajudar a moldar reações em relação ao presente, a economia no sentido mercadológico possui uma abordagem errônea dentro desse contexto, ela limita a forma como se dar as expectativas das famílias em relação a um futuro distante, as ações do presente não podem ser percebidas como consequências de situações e eventos do passado, elas podem ser também percebidas como “consequências” das percepções do que vai ser e acontecer no futuro que se espera (Beckert, 2017). A forma como uma família pretende juntar dinheiro e a outra pretende realizar reformas na casa tendo como objetivo questões futuras exemplifica como a expectativa acontece diferente em cada contexto familiar em relação à economia, assim a economia não pode ser deslocada dos contextos sociais culturais e políticos e de como influenciam diretamente o jeito como cada situação, meta ou expectativa será conduzida, assim “a história importa e o futuro também” (Beckert, 2017), a tensão entre expectativa e experiência que sempre acontece faz com que se suscitem novas formas de lidar com as incertezas e no contexto dessas famílias o ideal seria que elas não precisassem lidar sozinhas, mas tivessem um amparo social e político, porque o estado

também possui formas de realizar prognósticos em relação ao futuro tendo como base acontecimentos do passado, porque o diagnóstico é construído através de dados de experiências passadas, assim o horizonte de expectativa pode se tornar mais palpável para essas famílias.

Bibliografia

Beckert, J. (2017). Reimaginando a dinâmica capitalista: expectativas ficcionais e o caráter aberto dos futuros econômicos. *Tempo Social*, 29(1), 165-189.

Bourdieu, Pierre. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: Edusp, 2008.

De l'Estoile, Benoit. 2021 [2014]. “'Dinheiro é bom, mas um amigo é melhor' Incerteza, orientação para futuro e a 'economia'". *RURIS - Revista do Centro de Estudos Rurais*, Unicamp.

Koselleck, Reinhart. 2006. “'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas”. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, pp. 305-327.

Malinowski, Bronislaw. (1922). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia.

Marcel Mauss. (1925) *Ensaio sobre a dádiva*. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify.

Soares, Sergei; Sátyro, Natália (2009) : *O Programa Bolsa Família: Desenho institucional, impactos e possibilidades futuras*, Texto para Discussão, No. 1424, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília

Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990